**MULHERES NO CANDOMBLÉ: CENTRALIDADE FEMININA E A DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS NO ENSINO RELIGIOSO**

***Marcos Aurélio da Silva***[[1]](#footnote-1)

**Grupo de Trabalho (GT) : GT 8: Religião, Educação e Gênero**

**Resumo:**

Este trabalho explora a importância da mulher nas religiões de matriz africana, com foco no Candomblé, e como essa relevância pode ser aplicada pedagogicamente para desconstruir preconceitos como misoginia e racismo. Utilizando uma abordagem teórica baseada em mitos e estudos decoloniais, o texto discute o papel central das mulheres no Candomblé, desde os mitos fundadores até suas lutas contemporâneas. O objetivo é demonstrar como o ensino religioso, ao incluir essas tradições, pode promover uma educação inclusiva e crítica. Os resultados destacam a necessidade de uma abordagem educacional que valorize a representatividade e a resistência, promovendo igualdade de gênero e justiça social.

**Palavras-chave:** candomblé, mulher, Ensino Religioso, decolonialidade, representatividade

**1 Introdução**

*Òsun e lóolá imolè lóomi Òsun e lòolá*

*Ayaba imolè lòomi[[2]](#footnote-2)*

O presente resumo expandido é fruto das reflexões sobre a importância da mulher nas religiões de matriz africana e como tal relevância pode ser aplicada de maneira pedagógica numa sociedade no qual ainda é persistente num pensamento de sobreposição do homem sobre a mulher, mesmo com todas as conquistas sociais adquiridas por essas.

Vale salientar, que o candomblé é uma religião que surge a partir das tentativas de reproduzir os cultos aos òrìṣà’s[[3]](#footnote-3) (orixás) em território brasileiro pelos escravizados durante o período colonial. E desde esse período até os dias atuais diversas mulheres lutaram e lutam pela preservação e valorização da religião contra o racismo e a intolerância religiosa racial

De maneira didática, o texto apresentará a base teórica falando sobre o a religião afro-brasileira e o papel feminino desde os mitos basilares. Após isso, apresentar-se-á uma reflexão de como tais elementos, aliado a disciplina de Ciências da Religião, pode influenciar na mudança de mentalidade de uma sociedade presa, ainda, as concepções ultrapassadas de sobreposição do gênero

Este excerto é baseado nas experiências vivenciadas pelo pesquisador com o arcabouço teórico de artigos publicados que discorrem sobre as Ciências da Religião e seu papel para a decolonialidade (nesta área insere-se também a luta contra a misoginia) e referência aos mitos descritos por Prandi (2001).

Portanto, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a maneira como a escola pode nos ensinar a reverter uma situação de inferiorização da mulher numa sociedade marcada pelo etnocentrismo europeu misógino e segregacionista.

**2 Fundamentação teórica**

Nas religiões, encontramos os mitos que exercem a função de explicar/fundamentar determinadas práticas próprias de cada uma delas. Claude Lévi-Strauss (2002) discorre que tais narrativas são instrumentos simbólicos fundamentais para a organização e interpretação da realidade social e natural. Portanto, essas histórias fundamentam a experiência religiosa oferecendo uma base coesiva a comunidade religiosa definindo valores e normas essenciais para organização social dessa.

 Mesmo sendo narrativas milenares, os ìtàn[[4]](#footnote-4) chegam até os dias atuais sendo considerados os relatos míticos que moldam o candomblé e nos mostram o papel que cada òrìṣà exerce na cosmogonia e nos diversos aspectos da vida humana cotidiana. É baseado nesses que observaremos adiante partes da narrativa denominada “e foi inventado o candomblé..” descrito no epílogo da obra “Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi (2001, p. 526-528)

No começo não havia separação entre

o Orum, o Céu dos orixás,

e o Aiê, a Terra dos humanos.

Homens e divindades iam e vinham,

coabitando e dividindo vidas e aventuras.

Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê,

um ser humano tocou o Orum com as mãos sujas.

O céu imaculado do Orixá fora conspurcado.

O branco imaculado de Obatalá se perdera.

Oxalá foi reclamar a Olorum.

Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo,

Irado com a sujeira, (...)

soprou enfurecido seu sopro divino

e separou para sempre o Céu da Terra. (...)

e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida.

E os orixás também não poderiam vir à Terra com seus corpos. (...)

Os orixás tinham saudade de suas peripécias entre os humanos

e andavam tristes e amuados.

Foram queixar-se com Olodumare, que acabou consentindo

que os orixás pudessem vez por outra retornar à Terra.

Para isso, entretanto,

teriam que tomar o corpo material de seus devotos.

Foi a condição imposta por Olodumare.

Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres,

Dividindo com elas sua formosura e vaidade,

ensinando-lhe feitiços de adorável sedução e irresistível encanto,

Recebeu de Olorum um novo encargo:

preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás. (...)

Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta,

banhou seus corpos com ervas preciosas,

cortou seus cabelos, raspou suas cabeças,

pintou seus corpos.

Pintou suas cabeças com pintinhas brancas,

como as penas da galinha-d’angola.

Vestiu-as com belíssimos panos e fartos laços,

Enfeitou-as com joias e coroas.

O ori, a cabeça, ela adornou ainda com a pena do *ecodidé*,

pluma vermelha, rara e misteriosa do papagaio-da-costa.

Nas mãos as fez levar *abebés*[[5]](#footnote-5), espadas, cetros,

e nos pulsos, dúzias de dourados *indés*[[6]](#footnote-6).

O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas

e múltiplas fileiras de búzios e cerâmicas e corais.

Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de ori,

finas ervas e obi mascado,

com todo condimento de que gostam os orixás.

Esse *oxo* atrairia orixá ao ori iniciada e

o orixá não tinha como se enganar em seu retorno ao Aiê.

Finalmente as pequenas esposas estavam feitas,

Estavam prontas, e estavam *odara[[7]](#footnote-7).*

As iaôs eram as noivas mais bonitas

que a vaidade de Oxum conseguia imaginar.

Estavam prontas para os deuses. (...)

podiam cavalgar o corpo de suas devotas. (...)

aos corpos das iaôs (...)

Na roda das feitas, no corpo das iaôs,

eles dançavam e dançavam e dançavam

Estava inventado o candomblé.

É visível no mito acima existência de diversos elementos que podem ser analisados, porém só dois nos servem de base para o nosso resumo. Em modos gerais, Oṣun é dita, aqui no Brasil, como a divindade responsável pelas águas doces, a fertilidade e invocada como protetora das crianças. Porém o papel d’Ela não se limita a isso, como visto no texto descrito por Prandi, a existência e permanência do processo iniciático no Candomblé foram ensinados por Ela e transmitido a mulheres que após toda ritualística descrita foram denominadas de ìyàwó. Portanto, a imagem da òrìṣà reforça o papel feminino dentro da religião contrastando com as tradições patriarcais de outras religiões que possuem uma influência maior na sociedade.

 Também é interessante pontuar que a expressão ìyàwó, significa literalmente noiva. Esse termo ressalta a centralidade do feminino na denominação, evidenciando que, mesmo em um contexto no qual o gênero pode variar, a noção de feminilidade e a simbologia associada ao feminino permanecem predominantes. Em síntese, tanto o protagonismo da divindade na narrativa quanto a nomenclatura religiosa evidenciam formas de oposição a misoginia no corpo social.

Entende-se por misoginia a aversão ou opressão as mulheres, muitas vezes manifestada de forma estrutural na sociedade. Por isso, é dado a referência da mulher do candomblé como resistência, pois seu papel religioso contrasta com a inferiorização do feminino em outras tradições religiosas e sociais.

Fora das narrativas e das terminologias usadas na religião, o protagonismo ficou marcado na história das lutas pelo reconhecimento do candomblé como religião assim como afirma Claúdia Alexandre, pesquisadora e escritora da obra “Exu-Mulher e o matriarcado nagô” (2021, p.162), afirma que “...mulheres (do candomblé) ressignificaram memórias de organizações matriarcais e matrilineares africanas”.

 Ao usar os dois termos (matriarcais e matrilineares), a autora evidencia o poderio feminino sobre as questões religiosas, além da valorização das linhagem materna destacando a importância da maternidade e das mulheres na preservação e continuidade das tradições culturais e familiares. Isso pode ser observado nas tradicionais casas de àṣẹ soteropolitanas que só iniciam mulheres no culto.

 É válido pontuar uma experiência vivenciada pelo pesquisador que foi relatada pelo falecido Tatalorixá[[8]](#footnote-8) Moraes de Ògún, quando em uma conversa afirmou categoricamente que um homem para ser “pai de santo”[[9]](#footnote-9) precisava ter mãos femininas. Tal pensamento corre ao encontro do que os mitos e a história nos apresentam, ao pontuar que mesmo sendo homem para assumir uma liderança de um terreiro é preciso que haja aptidões como a capacidade de trazer vidas ao mundo, neste caso, uma vida nova aqui e no ọrun assim como diz o orin[[10]](#footnote-10) “Ojó Igbì Orisà Rè Wo/ Eyè Kan Fo Orisà Sirè[[11]](#footnote-11)”².

 Ao observar todos esses elementos podemos acrescentar a ideia de Bhabha (2007 *apud* Souza, p.12) que afirma:

Movimentar-se nas regiões fronteiriças, entre-singulares, é pois, estar no ‘além’, casa de entrecruzamentos e mesclas: passado e presente, interior e exterior, ‘é ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cutural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; tocar o futuro em seu lado de cá’.

Essa citação exemplifica a complexidade de viver nessas “regiões fronteiriças”, onde as identidades e as temporalidades se encontram. Atravessar para fora desse “espaço daqui” é entrar num espaço de interseção e fusão, onde o passado renova o presente, o interior se funde com o exterior. E é precisamente o “tempo revisionário”, que não é apenas um retorno ao presente, mas uma chance de reescrever a realidade cultural contemporânea ou reaprender a humanidade e a história que compartilhamos, para tocar o futuro enquanto ainda somos enraizados no presente.

Assim, o Candomblé não é apenas um espaço religioso, mas também um local de resistência e reconstrução cultural e acolhimento as diversidades, construindo e reconstruindo novas narrativas. É viver e reviver longe do etnocentrismo perverso e, por que não dizer, primitivo, no seu sentido mais pejorativo.

É relevante destacar que esse espaço religioso representa uma forma de decolonialidade, cuja definição envolve uma reavaliação crítica das estruturas de poder e conhecimento que foram impostas e perpetuadas pelo colonialismo europeu. Essa reavaliação se reflete na valorização dos saberes ancestrais africanos e na preservação dessas práticas religiosas que representam uma resistência ativa contra a perpetuação da visão colonial e uma afirmação da identidade cultural que evidência o ser mulher e tantas outras causas segregadas pela cultura colonial europeia que ainda ecoa na sociedade.

As mulheres, protagonistas nas lutas sociais, habitam essas "regiões fronteiriças", atuando como agentes de interseção e fusão entre diferentes tempos e espaços de luta e representatividade. Elas desafiam e resistem às lógicas coloniais de dominação masculina, criando um "além" onde o passado e o presente se encontram para moldar um futuro que reconhece e valoriza a centralidade do feminino.

Obvio que a pauta de luta se estendeu pois além do reconhecimento do candomblé e da equidade de gênero luta-se pelo fim da homofobia ,da transfobia, do racismo e da intolerância religiosa. É nessa lógica de enfrentamento que entra o papel libertador da escola como forma de combater esses estigmas sociais.

**3 Discussão**

 Nesta parte do resumo, apresentaremos reflexões sobre como todos os elementos descritos no arcabouço teórico podem ser usados, principalmente, na disciplina de Ensino Religioso como forma de sensibilizar o aluno sobre a importância do debate do papel da mulher na sociedade.

Vejamos o que discorre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o Ensino Religioso:

Em função dos promulgados ideais de democracia, inclusão social e educação integral, vários setores da sociedade civil passaram a reivindicar a abordagem do conhecimento religioso e o reconhecimento da diversidade religiosa no âmbito dos currículos escolares. (...) [ensino religioso] é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos (...) o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos (BNCC, 2017, p.435).

 Ao abordar a pluralidade religiosa, com a democracia como base, o ensino religioso promove uma cidadania democrática e inclusiva, desempenhando um papel crucial na desconstrução de preconceitos e discriminações, ao cultivar a igualdade e o respeito. Ao incluir o Candomblé, uma religião historicamente e socialmente discriminada, nos estudos escolares, e ao centralizar e valorizar o papel da mulher, desafiando estereótipos patriarcais — marcas do colonialismo europeu que persistem até hoje —, estamos fortalecendo essa abordagem inclusiva

Essa inclusão não só enriquece o currículo escolar, mas também permite aos alunos considerarem e valorizarem a diversidade cultural e religiosa presente na sociedade. Além disso, ao discutir o papel central das mulheres no Candomblé, abre espaço para reflexões sobre a equidade de gênero e o combate às desigualdades, promovendo uma educação que não apenas informa, mas também libertador. Assim, o ensino religioso se torna um instrumento poderoso na formação de cidadãos conscientes, capazes de agir com respeito, empatia e justiça.

 Ao discutirmos isso, chegamos ao ponto da citação de Bhabha no arcabouço teórioco. O candomblé é uma religião de “repetir”[[12]](#footnote-12) os atos e vivências das divindades em todos os seus ritos; é viver o passado em todo o presente; é estar em Oyó, Kétu, Òṣogbo, Èjìgbò[[13]](#footnote-13) - e outros reinos – sem deixar o Brasil; é mostrar o papel basilar da mulher desde princípio mítico, passando pelos momentos históricos e chegando nas lutas pelo reconhecimento e combate a misoginia que diminui, exclui e mata.

**5 Considerações Finais**

 Portanto, diante de todo o exposto, chega-se à conclusão da necessidade de discussão sobre o papel do ensino religioso frente a problemática exposta e indo além abrindo portas para que outras discussões venham à tona e demonstre a real necessidade de mudança de comportamento e ações que inferiorizam os que socialmente foram marginalizados pela colonização.

 Ao dar voz a estes, a comunidade escolar torna-se um lugar vital para evidenciar que o campo religioso não é apenar conectar o ser humano ao sagrado, mas também é um lugar de representatividade e resistência. Lugar que a justiça social e o empoderamento, principalmente da mulher, deve ser abordado e promovido como parte essencial da educação para o hoje mudar o amanhã.

**Referências**

ALEXANDRE, Claudia Regina. *Exu Feminino e o matriarcado nagô*: Indagações sobre o princípio feminino de Exu na tradição dos candomblé yorubá-nagô e a emancipação das “Exu de Saia”. Dissertação (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24686>. Acesso em 05 de agosto 2024

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular* - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2024

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Religião, Decolonialidade e o Princípio Pluralista*. Numen: revista de estudos e pesquisas da religião, v. 23, n.1, p. 21-40, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2236-6296.2020.v23.31405> . Acesso em 02 de agosto de 2024

SOUZA, Daniel. *As ciências da Religião na encruzilhada:* combinações teórico-políticas para a decolonialidade. Revista Reflexão, v.45, p. 1-20, 09 de junho de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a5058> . Acesso em 02 de agosto de 2024

1. Especializando em Ciências da Linguagem pela UFPB. Professor Celetista da Educação Básica do Estado da Paraíba. Contato: prof.aureliomarcos@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. ² Oxum, senhora que é tratada com todas as honras./Senhora dos espíritos das águas/Oxum, senhora que é tratada com todas as honras [↑](#footnote-ref-2)
3. O resumo usará a língua yoruba na citação de termos e nome de divindades presentes na religião, exceto nos trechos onde for citação. [↑](#footnote-ref-3)
4. São as histórias dos òrìṣà’s, por isso encaixam-se como narrativas míticas [↑](#footnote-ref-4)
5. Leque circular com espelho no meio usado por òrìṣà femininos. [↑](#footnote-ref-5)
6. Pulseiras feitas, normalmente, de latão usadas pelas divindades e os adeptos da religião iniciados. [↑](#footnote-ref-6)
7. Belo aos olhos do òrìṣà. [↑](#footnote-ref-7)
8. O referido senhor citado usava esse termo para indicar que ele tinha mais de 20 anos de iniciado na umbanda/nagô [↑](#footnote-ref-8)
9. Tal termo é uma livre adaptação popular da expressão yoruba bàbálórìṣà. Sua função corresponde ao de ìyálórìṣà (mãe de santo no popular) sendo o líder e/ou a líder de um terreiro, roça, barracão. Todos esses indicam o nome do espaço religioso voltado para as práticas de culto aos òrìṣà’s [↑](#footnote-ref-9)
10. Cantigas sagradas. [↑](#footnote-ref-10)
11. No momento que você nasce para o Orisà./ Um pombo faz a ligação entre Ori e Orisà. [↑](#footnote-ref-11)
12. Todos os ritos do candomblé são representações de atos realizados pelas divindades descritas nos ìtàn e nos orin. [↑](#footnote-ref-12)
13. São as cidades e reinos onde viviam e cultuavam as divindades. Elas são descritas nas narrativas míticas. [↑](#footnote-ref-13)